



Entrevista

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: UM RÁDIO MAIS CRIATIVO E MENOS 'FALADOR'¹

Suely Maciel ²

O jornalista espanhol Luis Zaragoza Fernández é doutor em Comunicação pela Universidade Complutense de Madrid (UCM) e repórter da Rádio Nacional de Espanha, Canal 5 Todo Notícias (Radio 5 RNE), onde produz reportagens e outros formatos para os diversos programas da emissora, voltada ao jornalismo, 24 horas por dia. Antes de ingressar na RNE, em 2008, já havia trabalhado, desde 2001, na agência espanhola de notícias Servimedia, especializada em informação social, como notícias sobre direitos humanos, economia solidária, meio ambiente, deficiência etc. Nos quinze anos de experiência profissional em jornalismo, Fernández vem realizando a mesma rotina de todos

¹ Entrevista realizada como parte de pesquisa sobre programas radiofônicos feitos por pessoas com deficiência visual, na Espanha e em Portugal, desenvolvida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2015/071325).

² Doutora em Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: suelymaciel@faac.unesp.br

os repórteres e produtores de rádio que, como ele, dedicam-se cotidianamente à produção de informações. Uma característica, porém, o diferencia e estabelece uma relação especial entre ele e o meio sonoro: Fernández é cego de nascença.

Graduado em Geografia e História, pela Universidad Nacional de Educación a Distancia (Uned), e com mestrado eletrônico em Comunicação Política e Eleitoral, pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Fernández recebeu diversos prêmios acadêmicos, como o de melhor trabalho de licenciatura, em 2001, e o extraordinário de melhor tese de doutoramento e trajetória acadêmica, em 2006, pelo trabalho *Radio Pirenaica. La voz de la esperanza antifranquista*, sobre a Rádio Espanha Independente, emissora do Partido Comunista Espanhol que combateu a ditadura franquista por décadas, emitindo na clandestinidade e do exterior (primeiramente de Moscou e, depois, da Romênia). Tal formação certamente está por trás da predileção do jornalista pela temática do rádio e sua história, o que lhe vem proporcionando um conhecimento relativamente amplo da produção radiofônica em diversos lugares do mundo e lhe permite explorar o assunto em profundidade, em especial quando tem autonomia para realizar suas próprias ideias de programas.

Uma das mais bem sucedidas é *La radio de los mil tiempos*, série de 75 programas, veiculados semanalmente pela Rádio 5³, entre setembro de 2012 e junho de 2014, que ganhou o Prêmio Pepe Andreu de Jornalismo Radiofônico, concedido pela Universidad Miguel Hernández, de Elche/Espanha, e pela Asociación de la Prensa de Alicante (APA), em 2014. Ricamente ilustrados com arquivos sonoros e música, os episódios de *La radio...* contam a trajetória de emissoras de todo o mundo e de todas as épocas, com destaque para aquelas que se diferenciam por suas propostas de comunicação, como a rádio livre Favela, de Belo Horizonte (MG), ou por seu papel na história de uma localidade ou país, como a nicaraguense Radio Sandino, da Frente Sandinista de Liberación Nacional. Também podem surgir como temas de episódios alguns programas específicos que fizeram história no rádio espanhol, além de situações inusitadas, como no caso de uma edição da série que trouxe uma compilação de transmissões feitas ao vivo durante a ocorrência de terremotos.

³ Os episódios de *La radio de los mil tiempos* podem ser acessados em <http://www.rtve.es/alicarta/audios/la-radio-de-los-mil-tiempos>. A data da publicação na internet pode não corresponder exatamente à da transmissão do programa.

Nesta entrevista, Luis Zaragoza Fernández comenta os recursos que emprega para seguir trabalhando com jornalismo de rádio – o que exige adaptações, devido ao fato de ele ser cego – e como compreende a relação entre mídia sonora e deficiência visual. Ele também revela o seu processo de produção de programas, em especial do *La radio...*, e chama a atenção para a necessidade de uma comunicação radiofônica mais rica e aprofundada, com informação relevante e de qualidade, num alerta quanto aos problemas de forma e conteúdo que afetam boa parte da radiodifusão hoje.

REVISTA ALTERJOR: Como surgiu a ideia do programa “*La radio de los mil tiempos*”?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: No verão de 2012, houve troca de diretoria na Radio 5 e quiseram renovar a grade de programação dos micros espaços⁴. Chegaram até mim após ouvirem reportagem que fiz sobre lesões medulares, a qual passou num dos programas da emissora. De início, ofereceram-me um espaço de cinco minutos, para falar sobre deficiência, mas eu me recusei a trabalhar com essa temática.

17

REVISTA ALTERJOR: Mas por quê?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Não gosto. Desde que comecei a trabalhar em rádio, tenho me interessado em romper com duas ideias bastante comuns, na área da produção em comunicação, entre as pessoas que não têm deficiência visual. A primeira: ninguém melhor que uma pessoa com deficiência para falar sobre deficiência. A segunda, derivada da primeira: o tema mais cômodo para uma pessoa com deficiência é o da deficiência. Eu queria romper com o conceito de que um cego, no rádio, tem de falar de deficiência. Sempre me preocupei muito com a categorização, com o fato de ficar sendo conhecido como 'o cego da rádio'.

4 “Microespaços” são programetes de temas variados, com duração média de cinco minutos, inseridos diversas vezes ao longo da programação da Rádio 5. Eles são produzidos na própria emissora ou podem resultar de parcerias desta com entidades sociais, órgãos governamentais, associações de classe, produtores independentes etc.

Já colaborei com a Once [Organização Nacional dos Cegos da Espanha] sempre que me pediram, pois o fato de uma pessoa cega estar trabalhando na Rádio Nacional, estar realizando trabalhos como qualquer outro profissional, pode servir para mostrar que o cego 'dá a cara à sociedade', ou seja, enfrenta o desafio de ser como os demais e realizar as mesmas coisas que todo mundo. Profissionais como eu seguimos sendo, para bem e para o mal, um exemplo que pode animar outras pessoas a também se lançarem no mercado de trabalho, na área acadêmica etc. Eu sei que tudo isso é importante, mas concordo em colaborar ou ter meu nome citado somente se isso ocorrer fora do meu trabalho na emissora, ou seja, independentemente da produção que eu venha a realizar. Eu, dentro da rádio, com meus colegas de trabalho, e fora dela, diante dos ouvintes, não quero que se saiba da minha cegueira. Afinal, o ouvinte não sabe, e não importa saber, se quem está do outro lado do microfone é gordo, alto, magro ou o que quer que seja. Se o rádio não permite que se saibam essas características do jornalista, do comunicador, tampouco faz falta saber se este enxerga ou não. O que me importa é tratar de um tema que me interessa, do qual eu gosto, como o da história do rádio e do rádio e sua relação com a sociedade, e não falar sobre deficiência só por causa da minha condição. Isso é mais ou menos o núcleo do que penso e foi a base para que eu aceitasse o desafio de fazer um programa.

REVISTA ALTERJOR: **E quais os princípios do programa?**

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: A minha tese de doutoramento foi sobre a Rádio Espanha Independente, conhecida como “La Pirenaica”, uma emissora clandestina do Partido Comunista Espanhol que permaneceu no ar durante 36 anos, fazendo oposição à ditadura franquista. Desde então, interessa-me muito essa relação entre rádio e história, rádio e sociedade, rádio e política. Sempre gostei de rádio, desde criança, mas essa temática surgiu durante minha pesquisa na pós-graduação.

REVISTA ALTERJOR.: **“La rádio de los mil tiempos” traz histórias de emissoras de vários países, mas também de programas representativos de uma determinada época, como “El consultório de Elena Francis”⁵. A série também apresenta episódios**

5 Programa radiofônico espanhol, voltado ao público feminino, que foi transmitido de 1947 a 1984. Consistia nas respostas e comentários de uma suposta especialista, a personagem Dra. Elena

bastante inusitados, como um que fala das comunicações cifradas, via rádio, durante a Segunda Guerra Mundial, ou sobre a ocorrência de terremotos durante transmissões ao vivo. Que critérios determinam essas escolhas temáticas?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Eu queria apresentar um programa que não falasse de rádio em si mesmo, mas de acontecimentos em que o rádio teve um protagonismo especial ou de emissoras que, mesmo não sendo muito conhecidas, destacaram-se em algum momento, seja por seu papel social, seja por suas propostas curiosas de produção ou programação. Abordo ainda rádios comunitárias e contrarrevolucionárias e alternativas, como a rádio Favela, do Brasil. Procuro também alternar a vertente mais política do rádio com a vertente mais social, mesclar programas espanhóis ou hispanoamericanos e também em outros idiomas, as grandes cadeias e as emissoras pequenas... Em suma, tento um pouco dar uma visão mais global.

E outra coisa que queria era não me dedicar a uma história cronológica do rádio; eu queria ressaltar diferentes épocas, quiçá com a intenção oculta... eu não sei, pois tampouco planejei isso... de tentar encontrar umnexo comum em todos, como o rádio e a independência do país, com a independência de uma época, mais ou menos isso. Afinal, o rádio certamente serviu para alguma coisa, não? E segue aí vivo, quase um século depois. Enfim, isso era o que eu buscava discutir, sempre apresentando um pouco da comunicação hegemônica, mas também um tanto da comunicação alternativa. A mesma lógica me levava a focar os grandes momentos nos quais o rádio esteve presente, mas também a vida cotidiana. Estão aí entre os programas um acontecimento importante como a Revolução dos Cravos, de Portugal, mas também os momentos da vida cotidiana de todo um país, como os que apareciam no *Consultório de Elena Francis*.

O que se passa também é que um tema vai levando a outro. Assim, quando se está pesquisando uma coisa, acaba-se encontrando outra que pode ser o tema também de uma produção. Por exemplo, uma vez eu estava levantando dados sobre a propaganda feita nos Estados Unidos e dirigida a Cuba, buscando coisas sobre Rádio Swan e tal e, no meio de uma leitura sobre a emissora, encontro a informação de que o governo de Cuba, a partir de

Francis, para as dúvidas e os pedidos das ouvintes, os quais se estendiam de culinária e saúde a questões sobre vida doméstica, dramas pessoais e até matrimônio.

Havana, havia começado a emitir programas pela rádio Free Dixie. Eu não sabia nada sobre essa rádio, então, surgiu uma nova linha de investigação e um novo episódio da série.

REVISTA ALTERJOR: E como é o seu processo de produção? Como realizava, por exemplo, o “La radio...”?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Todo o trabalho foi realizado durante o meu tempo livre, ou seja, fora do horário regular na emissora, na reportagem. E consistia basicamente num amplo trabalho de pesquisa de informações e de arquivos sonoros, seguido da locução e da edição. Eu entregava o programa pronto para ser transmitido. Fazia a pesquisa, selecionava e editava as sonoras, escolhia as músicas, redigia o roteiro e finalizava a montagem do programa todo. Geralmente, realizava parte do trabalho na minha casa, usando a infraestrutura que tenho lá. A única coisa que eu fazia na rádio era gravar a locução, de forma a garantir a melhor qualidade sonora, e a edição final. Eu entregava o programa pronto para ser transmitido e postado no site da rádio.

REVISTA ALTERJOR: Com que equipamento você costuma trabalhar nas suas atividades diárias na reportagem e também quando você mesmo produz os programas, como ocorreu no caso do “La radio ...”?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Na emissora, há um computador adaptado, com leitor de tela Jaws. Eu trabalho também com uma linha braille portátil, com 40 caracteres, a qual carrego para lá e para cá, além do Pac Mate⁶, da Freedom Scientific, que funciona como um microcomputador. A partir dele, posso acessar os conteúdos salvos no computador, bem como ouvir e ler coisas que transfiro do meu computador, via pen drive. Eu também uso o Pac Mate quando estou no estúdio. Quando estou trabalhando com edição, uso o Goldwave⁷, pois ele permite trabalhar com marcadores numéricos, sem o uso do mouse. Todos os sistemas utilizados na redação da rádio, como sistema de gestão de

⁶ Disponível em: <http://www.freedomscientific.com/Products/Blindness/PACMateProductFamily>

⁷ Disponível em: <http://www.goldwave.com/>

sons, de carpetas, de notícias, geralmente empregando o sistema Dalet⁸, não são acessíveis para mim, para que eu consiga fazer coisas muito sofisticadas, por isso, uso o editor de áudio Goldwave.

REVISTA ALTERJOR: Uma característica bastante marcante dos episódios é o vasto e diversificado uso de arquivos sonoros, desde trechos de pronunciamentos, debates e entrevistas, até músicas que casam perfeitamente com o tema tratado. Como você obtinha esses arquivos?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: A primeira busca era normalmente realizada na fonoteca da própria Rádio Nacional, que é muito boa para coisas que dizem respeito à Espanha, principalmente depois dos anos 80, pois antes disso não se dava muita importância à questão da memória e conservação dos arquivos sonoros. Neste aspecto, a França e a Inglaterra são exemplares quanto à conservação de arquivos históricos, nos mais diferentes formatos. Então, para coisas relativas à Espanha, eu até conseguia encontrar muito material no centro de documentação da RNE, mas para abordagens relativas ao exterior, o grande espaço para pesquisa era realmente a internet, que se transformou num grande banco de dados e informações. Para isso, é preciso dispendir muito tempo fazendo buscas na rede, pois há muita informação irrelevante, incompleta ou falsa, e também muitos lugares onde os arquivos podem ser obtidos, do Youtube a páginas especializadas.

Para fazer o programa da “Rádio dos Números”, por exemplo, não me recordo onde encontrei o material, mas eram gravações antigas compiladas em fita que alguém digitalizou e colocou numa página web. Às vezes, trabalhava também com arquivos pessoais, meus ou de outras pessoas, em formato físico, mas a maior parte do material eu obtinha mesmo nos documentos que as emissoras, como a Rádio France, compartilha com seus ouvintes. É por isso que eu gostaria muito de conhecer os documentos da BBC inglesa, pois deve haver ali arquivos fantásticos!

Já com as músicas, o processo é basicamente o mesmo. Muitas vezes se encontra uma música quando se está levantando outro tipo de dados, como quando se realiza uma leitura e aparece a referência “tal música foi composta em homenagem a...”, ou referências

⁸ Disponível em: <http://www.dalet.com/>

a canções relativas a uma temática quando se está buscando informações concernentes a outra e assim por diante. No caso dos arquivos musicais, também recorro muito aos arquivos da RNE, que tem uma discoteca muito boa. Mas ocorre também de eu fazer uma busca específica, como quando estava produzindo o capítulo sobre 15 de Maio de 68 na França e busquei, na internet, músicas específicas desse período. Eu pensava: “é certo que alguém falou sobre isso”. E até encontrei referências de oito ou dez músicas que tratavam especificamente do tema, algumas mais ou menos próximas do período. E dessa forma se decide o que será colocado no programa. Falando assim, até parece complicado, mas, na verdade, vai-se fazendo, pois é claro que todos temos nossos recursos, não é?

REVISTA ALTERJOR: Há alguma parceria com outras emissoras, até mesmo as outras rádios que integram a RNE, para a transmissão das suas produções?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Não, não tem. O que ocorre é que, por exemplo, um colega de outro programa uma vez pediu para retransmitir os arquivos [da série *La radio...*], pois o programa dele falava de radiodifusão. Além disso, uma vez que se emite e, principalmente, coloca-se na web... sei, por exemplo, que há emissoras latino-americanas e programas de rádio de aficionados na Espanha que também pegaram os programas para retransmiti-los. Uma vez que todos os arquivos também estão disponíveis para *download*, perde-se o controle sobre o que cada um pode fazer com eles. E, para mim, não há problema. Afinal, eu também utilizei material que estava na internet, então, é assim que as coisas se dão hoje.

REVISTA ALTERJOR: Como você explicaria as escolhas estilísticas que fez no “La rádio...” e nas reportagens que produz? Você identifica alguma influência da cegueira no trabalho com o texto verbal, a música, os efeitos sonoros, ou seja, com esses códigos que configuram a linguagem radiofônica?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: Neste formato de programa que o *La radio...* tinha, de aproximadamente cinco minutos de duração, e nas reportagens que realizo, eu tenho claro para mim que, no tempo que dura qualquer produção, busco fazer com que o ouvinte ouça arquivos sonoros no mínimo na mesma quantidade que ouve a minha voz. Eu talvez não percebesse muito isso antes de realizar o programa ou essa não fosse uma característica tão marcante das minhas reportagens, mas passou a ser uma preocupação bastante nítida depois que tive a experiência dessa produção especial. A busca era para que eu não fosse

um senhor que seguisse contando sua vida durante cinco minutos. Me parecia que os temas eram, por si só, já interessantes e, se houvesse bons documentos sonoros, que fossem eles a contar a história e não eu.

Havia a preocupação de que todo o material estivesse a serviço da história que eu contava, que não houvesse nada supérfluo, que o que eu dissesse com a música e os arquivos estivesse a serviço de uma melhor compreensão da história da qual cada episódio tratava. E isso eu procuro manter até hoje, em cada reportagem que realizo.

Há uma coisa que me preocupa muito, que é o fato de se ter perdido essa capacidade, ou esse gosto, de trabalhar com os arquivos sonoros e com a música. Tem sido um pouco assim. Talvez isso esteja ocorrendo pela própria evolução e história do rádio espanhol. Até agora mesmo, estamos num momento em que somos herdeiros de um tipo de rádio, que é o rádio da transição democrática, em que importava contar coisas, contar o que se estava passando. Isso depois de anos de ditadura, durante os quais não se podia contar muita coisa, fazer propaganda... Então, os anos de franquismo, todo mundo o diz, foram muito ricos no terreno da expressão, do entretenimento, da expressividade radiofônica, de exploração dos recursos do meio rádio, porque, entre outras coisas, foram anos de muito bons programas dramáticos, de muito bons radioteatros, de muito boas radionovelas. De repente, no entanto, tudo isso desaparece e dá lugar a um rádio muito mais falado, em que se ouvem muitas tertúlias⁹, que até é um gênero que eu ouço muito. Então, é verdade que agora mesmo, em uma rádio generalista, como pode ser a Radio

⁹ A tertúlia é um formato radiofônico bastante comum no rádio espanhol, semelhante à mesa redonda e ao debate brasileiros. Conforme definem Maria del Pilar Martínez-Costa Perez e Susana Herrera Damas, “en la caracterización de la tertulia en radio intervienen dos perspectivas: la formal y la relativa a su contenido. En lo formal, se trata de un genero definido por su periodicidad fija, la existencia de participantes habituales, la variedad y alternancia de los temas, la libertad estructural y organizativa, la existencia de un moderador prestigioso y reconocido, su realización en directo y su larga duración. Como se puede apreciar, desde el punto de vista formal la tertulia posee rasgos de la conversación coloquial aunque con algunos límites como son la duración, la presencia de un moderador que domina los temas y establece la continuidad entre ellos, y la audiencia que exige responsable organización formal. (cf. MARTÍNEZ-COSTA PEREZ, M. del P.; HERRERA DAMAS, S. (2007). La tertulia radiofónica como un tipo de conversación coloquial. *Doxa Comunicación Revista Interdisciplinar de Estudios de Comunicación y Ciencias Sociales*. n. 5. pp. 189- 211. Disponível em http://dSPACE.ceu.es/bitstream/10637/5941/1/N%C2%BAV_pp189_211.pdf

Nacional¹⁰, a Cadena Ser¹¹, as rádios convencionais e de conteúdos gerais, não as rádios-fórmulas musicais de FM, as pessoas logo se preocupam se ocorre de ficar tocando uma música por um minuto: “algo está acontecendo”. Não há isso de ouvirmos “bom, são cinco minutos para as dez da manhã, vamos encerrar esse espaço relaxando, escutando determinada canção”, ou coisa parecida. Parece impossível que no rádio generalista espanhol soe uma música por mais de 30 segundos sem que alguém se ponha nervoso, sem que o ouvinte comece a achar que o sistema caiu ou ocorreu qualquer outro problema na transmissão.

Há muita coisa que se está deixando de apresentar, até mesmo as sonoras, os trechos de gravação. Há companheiros de rádio que os empregam melhor que outros, é claro, mas a verdade é que muita gente sequer tem utilizado os próprios sons que capta, ou seja, os arquivos que vai juntando ao longo do dia.

Também é verdade que, nos programas informativos, há uma outra coisa que sempre me deixa muito nervoso. Sob o argumento de que se trata de dar mais 'dinâmica', dar sensação de maior movimento (mas se pode chamar mesmo é de falsa dinâmica), o editor do diário te diz: “essa crônica tem de durar um minuto”. Bom, vamos ver, vamos pensar de que temas estamos falando! Pois há temas que podem ser explicados em 40 segundos como, por exemplo, a última sessão do Congresso de Deputados, em que os líderes do governo e da oposição vão dizer exatamente o mesmo que disseram na semana passada. Não se pode, no entanto, dedicar um minuto a explicar a nova Lei de Costas de Espanha porque uma lei não se pode explicar bem em um minuto. E, além dos temas, é preciso pensar nas gravações que se tem, pois, no caso de um tema que tem bons documentos sonoros, por que se vai dedicar somente um minuto a ele, por que não dedicar dois? Estes, pois, são defeitos dos informativos que eu considero muito difíceis de serem mudados. Sei que isso se passa na minha emissora e, nas outras, depende de quem conduz os informativos, mas isso pode acontecer nelas também. Não sei se no Brasil o rádio é muito diferente ou igual.

¹⁰ Disponível em: <http://www.rtve.es/radio/>

¹¹ Disponível em: <http://cadenaser.com/>

REVISTA ALTERJOR: No Brasil, de certa forma, percebe-se a mesma coisa, com diferenças entre uma emissora e outra, mas o problema da superficialidade que você observa no tratamento da informação é semelhante.

E como você avalia a utilização de efeitos sonoros nas reportagens jornalísticas, como as que você produz? Há quem defenda a inclusão de ambiência sonora do acontecimento, até mesmo de maneira artificial.

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: É verdade que, por exemplo, num informativo, para falar de uma manifestação, não há muito sentido em colocar um som da manifestação se não é desta manifestação, ou ilustrar um acidente aéreo colocando um efeito sonoro de avião. Na verdade, não contribui muito fazê-lo assim, pois num informativo o que se pede é realismo nos documentos sonoros utilizados. Mas esses documentos podem ser utilizados de forma mais dinâmica – e há companheiros que o fazem –, ainda mais em programas não de todo informativos, como os de entretenimento. Aí sim poder-se-ia utilizar esses recursos que nem todo mundo emprega, mas isso requer um trabalho muito mais lento e, em geral, todo mundo opta sempre pelo mais fácil e mais rápido.

25

No caso do *La radio...*, todos os sons que eu utilizava eram originais da época em que foram emitidos. Já nas minhas reportagens, como disse sobre os informativos, quero usar sons que realmente pertençam à história que eu estou contando, mas pode ocorrer de eu empregar os efeitos sonoros sim, se considero que são importantes para a produção.

REVISTA ALTERJOR: Você tem uma posição muito firme e clara sobre como avalia a relação entre deficiência visual e o trabalho e produção nos meios de comunicação. Na Espanha, porém, são várias as iniciativas nesse sentido, de programas feitos por pessoas com deficiência ou voltados para esse público até emissoras inteiras dedicadas ao tema. Como você avalia esse quadro? Que influência ele pode ter na democratização do acesso à informação por parte desse público em particular? E como isso pode afetar o público em geral em relação à deficiência e às pessoas com deficiência?

LUIS ZARAGOZA FERNÁNDEZ: A rádio Onda Cero, quando pertencia à Once [Organização Nacional dos Cegos de Espanha], era uma rádio generalista, mas cuja programação era muito centrada nos assuntos de interesse dos cegos. Por exemplo, havia um programa esportivo, mas era um programa [sobre esportes] para cegos. Bom, claro que sendo da Once, havia um programa sobre os cupons e coisas do tipo, afinal, era uma rádio institucional. E houve duas ou três tentativas de rádio por internet, um pouco nos moldes do que era a programação da Onda Cero. Então, para ser uma rádio feita por cegos, produzida entre 'amigos' que seja o mesmo que uma rádio tradicional, não tem muito sentido. Uma rádio feita por cegos, para mim, só tem sentido se contribuir com produções que as outras emissoras não apresentam. E que se emita não apenas para os cegos, mas para todos os ouvintes. Se é uma rádio, porém, que lembra todas as demais, não tem sentido nenhum, não serve para nada. Já há '40 mil' emissoras iguais.